

Brasil poderá ter a pior performance entre os países em desenvolvimento

Vera Saavedra Durão
Do Rio

A consultoria Tendências trabalha com um crescimento de 2,5% para o Produto Interno Bruto (PIB) no quarto trimestre do ano, em relação ao terceiro trimestre, que apresentou um crescimento de 0,4% ante o segundo. Na avaliação de Juan Jensen, economista da consultoria que projeta o PIB, "o último trimestre do ano precisa ser bom para o país ter crescimento zero em 2003. Se crescer menos, o PIB deste ano será negativo", previu.

A consultoria Global Invest já trabalha com queda de 0,2% do PIB este ano, informa o economista Alexandre Agostini.

Para Paulo Nogueira Batista Jr, professor da FGV-EAESP, que projeta o PIB com uma variação próxima de zero, esse resultado coloca o Brasil, este ano, como o país com pior performance econômica entre os países em desenvolvimento, pois projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) apontam a China crescendo 7,5%, a Índia, 5,6%, a Rússia, 6%, a Turquia 5,3% e a Argentina, 5%.

Para 2004, as projeções de crescimento da economia variam de taxas entre 3,5% a 4%, vistas por Batista Jr. como uma melhora significativa, mas insuficiente para se ter uma mudança substancial nos indicadores de mercado de trabalho, onde aumenta de forma contínua o desemprego por conta do baixo dinamismo da economia.

Ele defende taxas de crescimento na faixa de 5% a 6% para o PIB per capita voltar a crescer e haver uma nova onda de geração de empregos no país.

Jensen, da Tendências, que es-

tima uma taxa de crescimento de 4% para o PIB em 2004, destaca no seu cenário que a indústria é que dará a dinâmica necessária para a expansão do PIB no ano que vem. E lembra que isso já apareceu no resultado do PIB do terceiro trimestre. Ele projeta um aumento da atividade industrial de 5,4% em 2004.

Agostini, da Global Invest, vê um PIB com alta de 4,1% para os próximos doze meses. "Um crescimento robusto, mas não consistente. Vai ser 'vôo da galinha'". Ele explicou que os indicadores macroeconômicos do ano que vem serão favorecidos por uma base de comparação muito baixa e as condições para o Brasil crescer de fato ainda não estão dadas.

Ele cita o caso da infra-estrutura, cujos projetos em discussão levarão 4 a 5 anos para maturar. Mais os investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) que, por enquanto, estão engatinhando nas empresas. Cita ainda o problema do superávit primário acertado com o FMI, que poderia ter sido menor, de 3,5% por exemplo, mais elevação da carga tributária e juros com piso de 15% em termos nominais.

"A política monetária em 2004 vai deixar a desejar. Vamos crescer em cima de preenchimento da ociosidade da indústria, sem investimento e isto tem pouco fôlego", alertou.

Segundo ele, o Banco Central já admitiu implicitamente que o juro não pode cair mais que 15,17%, ou seja, um juro real na casa de 9%. "Esta é uma política para segurar o investidor de curto prazo no país, garantindo retorno".

Um dos requisitos para o

aquecimento da atividade industrial em 2004 será a continuidade da queda dos juros, destacou Jensen, da Tendências. Mas, ele mesmo admitiu que isto só vai acontecer no primeiro semestre. Depois, a política de redução será gradual para não ultrapassar a denominada "taxa de equilíbrio", que ele admite que ninguém sabe ao certo qual é.

Paulo Nogueira Batista Jr. lembra que, apesar das reduções recentes, a taxa de juro no país ainda é uma das mais altas do mundo. A seu ver, a resistência do Banco Central em baixar esta taxa de forma significativa para impulsionar o crescimento, já que a política fiscal está amarrada ao superávit primário, é alimentada pela "teorização", ao sustentar que a taxa básica de juro está próxima do seu "nível de equilíbrio" (8% a 9%) e qualquer tentativa de romper esse suposto piso geraria perigosa inflação.